

PREPARAÇÃO DO BATISMO COM AS FAMÍLIAS

06.02.2021

D. Armando Esteves Domingues

INTRODUÇÃO

Como se faz um cristão? “Ninguém nasce cristão, torna-se um” (Tertuliano)

Nos documentos, fala-se de 3 grupos de batizados e com itinerários próprios para cada um deles: batismo dos recém-nascidos, das crianças em idade da catequese e dos adultos. Sigo a preparação de recém-nascidos.

Jesus chamou os Doze e continuou a chamar. Fez catequese intensiva durante 3 anos com palavras, caminhadas, experiências ao vivo, milagres, iluminou muitas crises, selou uma aliança Nova, Aliança de Amor, ressuscitou, explicou a ressurreição, prometeu e comunicou o Espírito Santo e fez o ENVIO definitivo. Depois do envio, com a Ascensão, foi como se dissesse: “Agora estás cá tu, e se não estiveres o mundo não será melhor, não mudará...” Foi uma iniciação de adultos, demorada, modelo de toda a iniciação. Não se sabe como foi o batismo dos discípulos, se foi só o de João Batista, mas sabemos que seguiram Jesus! ... o primeiro chamamento é ao seguimento de Jesus. Todos se tornaram discípulos, alguns apóstolos.

O Batismo é puro dom de Deus mas depende da natureza, da abertura do homem a Deus. A graça não atua sobre uma pedra... Ainda estamos muito presos a momentos sacramentais e festas especiais... Esquecemos os caminhos, o tempo da evangelização e os critérios para alguém assumir livre e responsabilmente o que dele depende... Sabemos o que assumir, mas não o como...

1. Preparar para o Batismo com as famílias

A forma como olharmos os pais no batismo vai ser importante para toda a vida... daí o falar-se de reevangelizar o batismo e de reiniciar os pais e padrinhos. Trata-se de proporcionar uma iniciação cristã não feita, abandonada a meio ou esquecida. Uns pararam na 1ª comunhão... (era assim há 50 anos...e ainda está na mente de muitos...)

O próprio percurso da catequese vai depender (depende) da qualidade desta formação inicial dos seus pais e padrinhos...

Mais que preparar para a Celebração do Sacramento do Batismo, começou a falar-se de elaborar percursos de iniciação cristã que acompanhe família e bebés **até aos 14 anos**. Trata-se de um apelo a encetarmos um novo 'estilo' pastoral de descoberta da dinâmica catecumenal, em que é indispensável neste caminho a presença dos pais. Uma presença que não pode ser apenas “estar envolvidos”, mas ser 'evangelizados'. Sem uma mentalidade evangélica de seguidores (discípulos) e testemunhas, nenhuma iniciação à vida cristã é possível.

É a partir desta convicção que **cada subsídio** para preparar a celebração do batismo na família deve nascer: os interlocutores não são, naturalmente, os filhos, mas os seus pais. E não só porque os primeiros não sabem ler ou envolver-se numa conversa, mas porque o batismo dos seus filhos é uma escolha que pertence aos pais, não é funcional para a vida futura dos filhos (que também poderão fazer escolhas diferentes das dos seus pais). O Batismo põe em causa o significado, para eles, da existência, refere-se e faz parte das suas escolhas e do seu projeto de vida cristã, é um sinal da sua relação existencial com Cristo, presente nas suas vidas, celebrado no casamento cristão e, todos os domingos, no Mistério Pascal do Dia do Senhor.

O facto de nem todas as famílias viverem estas "fidelidades" não deve ser motivo para baixar o nível da proposta.

2. Em sintonia com o Plano Pastoral da Diocese

Este tema liga-se ao Plano Pastoral da Diocese do Porto. Ele conjuga o mandamento missionário com o crescimento na fé. Uma ligação inseparável onde os frutos são recíprocos: A Igreja só cresce se se der e na medida em que se dá.

O objetivo principal é: ***“Promover uma renovada iniciação cristã, unitária, coerente, aprofundada, em íntima ligação com os sacramentos e com o mistério de Deus”.***

O ano de 2020/21 é dedicado ainda ao batismo, mas a vocação laical e a família têm um lugar especial na letra do plano e no coração da igreja do Porto.

Sob o ponto de vista da evangelização, a Diocese tem alguns objetivos secundários:

- *Sair à procura dos afastados*
- *Oferecer percursos personalizados*
- *Superar o hiato pastoral que medeia o tempo entre a celebração do batismo de bebés e o início da catequese.*
- *Aprofundar e ativar a graça do sacerdócio batismal dos fiéis, a partir da própria família como Igreja doméstica.*
- *Manter as pessoas e as comunidades interligadas, ampliando as ações presenciais (celebrativas ou formativas), através das redes sociais e de outros recursos digitais.*

Duas estruturas de comunhão pretendem dar impulso a esta pastoral batismal em estilo missionário: o **catecumenado e as equipas de preparação para o batismo.**

2.1 Os destinatários (no batismo dos recém-nascidos)

Os destinatários são claramente os pais, contudo estes pais não são todos iguais e não podemos pensar que os metemos numa forma, fazemos um curso muito exigente, batizam os filhos, fazem um compromisso e agarrámo-los... Vêm de caminhadas diferentes. Temos a questão da mobilidade, das comunidades de referência e de residência e de batismo; as questões da variedade de **tipos de família** que pedem o batizado para os filhos, o pluralismo cultural, a experiência ou origem religiosa, etc. etc. Alguns sem solução, por agora! Outros provocam a pastoral como é o caso dos que se referem a pais e padrinhos.

Fui pároco mais de 30 anos e senti na pele todas estas problemáticas. Ultimamente, fazia muitos batizados e integrava na paróquia famílias que vinham trazidas por paroquianos que, por iniciativa própria, traziam casais amigos solteiros, afastados e até não batizados para batizarem os filhos. Muitos “ficavam” e não pelos meus lindos olhos, mas porque os amigos continuavam a ser amigos e a comunidade uma família aberta!

2.2 Famílias evangelizadas e evangelizadoras

Sobretudo com a pandemia se viu que a família está em dificuldades para viver na fé e, nesse ambiente, transmitir ou testemunhar a fé. Não se trata de ter fé, mas viver na fé. O ambiente evangeliza. Isto na família, na comunidade e no mundo.

O Evangelho, em Mc 5, 1-20, relata a cura de um endemoninhado. No final, diz: “Quando Jesus ia a subir para o barco, o homem que tinha sido possesso pediu-Lhe que o deixasse ir com Ele. Jesus não lho

permitiu, mas disse-lhe: *Vai para casa, para junto dos teus, conta-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti*». HOJE parece estar a dizer o mesmo...

Muito da vivência cristã foi interrompida porque as famílias, em geral, estavam “demasiado” confiantes de que a Catequese paroquial faria dos seus filhos cristãos adultos. Não estavam “treinados” a alimentar a família com a Palavra, a fortalecê-la com a oração no lar e a contar a vida de fé uns aos outros.

De repente, viu-se *“quão fundamental é a Igreja doméstica, essa estrutura básica e permanente da Igreja e a urgência de uma certa dimensão sagrada e de culto na família”* (Desafios pastorais da pandemia- CEP).

Precisamos de mais cristãos adultos, leigos. Que sejam bons cristãos, bons cidadãos, estudem e sejam os melhores...

2.3 Um novo estilo

Não é por se criar uma estrutura que se resolve o problema. Não é em 4 ou mesmo 5 encontros que se faz um cristão...

Precisamos de uma nova cultura de comunidade, de paróquia, unidade pastoral ou vigararia. Uma **Instrução** saída há menos de um ano fala da conversão pastoral das comunidades paroquiais ao serviço da missão evangelizadora da igreja.

Antes de mais, trata-se de empreender percursos sinodais nas paróquias, unidades pastorais e vigararias. Para entendermos o que é a SINODALIDADE precisamos de olhar para o primeiro Concílio, o de Jerusalém, e ir pela estrada de Emaús. **São dois ícones:** “O Espírito Santo e nós!” em Jerusalém e o “coração que arde com a Palavra/Cristo a fazer caminho conosco”. É um caminho de construção e desconstrução, recomeçando sempre.

Um caminho sinodal onde, com humildade, nos questionemos. Fazer de cada grupo de preparação do batismo um laboratório de escuta. Mas ouvir também as pessoas, mesmo de fora... (o Reino é grande e ninguém é só destinatário, todos têm que se sentir protagonistas) para DISCERNIR.

É fundamental o papel do pároco a quem compete a admissão ao batismo e sua preparação. Mas não basta o labor do pároco para a devida preparação, inserção na comunidade e acompanhamento dos casais jovens. Graças a Deus, são já muitas as experiências em paróquias e vigararias onde se vê uma atitude proativa de leigos, envolvidos em equipas de preparação para o batismo e outras.

2.4 Uma resposta aos requisitos do Direito Canónico

O CDC diz: *“haja esperança fundada de que ela irá ser educada na religião católica; se tal esperança faltar totalmente, difira-se o batismo, segundo as prescrições do direito particular, avisando-se os pais do motivo”*. (can. 868 &2) Informe-se, e basta! Bastará?

E o Can. 874, &3 diz acerca dos padrinhos: *“seja católico, confirmado e já tenha recebido a santíssima Eucaristia, e leve uma vida consentânea com a fé e o múnus que vai desempenhar”*.

Mas pergunta-se: a questão dos padrinhos ficaria resolvida com um percurso formativo, até alguma inserção na vida comunitária?

E sobre os requisitos para os **padrinhos**: É preferível ter um católico crismado e não praticante, mau cidadão e indiferente à vida religiosa ou um outro que, sem os requisitos, aceite inserir-se num percurso de reiniciação?

Estes requisitos do CDC, sobre a fé dos pais e a preparação dos padrinhos, são sérios, oportunos e incontornáveis, ainda mais hoje! Porém, que fazer com a máxima de que **não se deve negar o batismo** a ninguém?

Teremos nós abertura e capacidade para os acolher, dialogar e, em conjunto, **elaborar percursos catecumenais diversificados**, em estilo sinodal, no respeito pela sua identidade, liberdade e condicionalismos? Talvez, durante o caminho, os pais pensem em “como cuidar da família, antes que do batismo” e os padrinhos pensem que não devem ser padrinhos. É evidente que é mais fácil tratar a todos por igual, fazer algumas reuniões e ficar descansado...

É necessário envolver os interessados: “Deus confia em ti, o que espera de ti e que estás disposto a fazer com isso?”... É mais fácil apagar a chama que ainda fumeja?

3. Desafios pastorais: em busca de percursos sinodais e transversais

Para a ousadia de sair “em busca dos afastados, oferecer percursos alternativos e de acompanhamento personalizado, ou superar os hiatos na formação”, muito pode ajudar a pastoral batismal.

Todos devem ser evangelizados e têm esse direito. Num tempo em que é tão difícil ir além de uma pastoral de manutenção, deveríamos começar por agradecer a Deus, não só os que já cá estão e fazem tudo “direitinho” (bem de acordo com todas as leis do direito), mas sobretudo porque Jesus Cristo continua a confiar em nós e na Sua Igreja, trazendo mulheres e homens pouco formados, afastados ou descrentes, para que se “convertam e acreditem no Evangelho”. Embora alguns venham de pé atrás em relação à Igreja, eles, que até só querem batizar o filho, é bom que sejam confrontados com desafios inesperados... e que Deus os surpreenda!

Fica uma provocação: *teremos sempre sabido ser dignos desta confiança de Deus em nós e das esperanças de quem bate à porta da Mãe Igreja que quer o melhor para o seu filho?*

3.1 Iniciar processos em vez de ocupar espaços

O que se diga para o Batismo, pode dizer-se para a catequese, ou para outro qualquer setor da pastoral. À luz desta experiência traumática da pandemia, seria importante saber como “voltar a partir juntos” e não só recomeçar. “Pior que a pandemia, será recomeçar como se ela não tivesse existido” (Papa Francisco).

O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* lembra o princípio de que “o tempo é superior ao espaço” (nº 222), e no nº 223 diz: *“este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo. Um dos pecados é privilegiar os espaços em vez dos processos. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços.”*

4. As equipas batismais: uma proposta em chave missionária

Estamos cheios de preocupações e algumas boas e santas intenções:

- Nos CPM questionam-se como continuar a apoiar os casais após as sessões e celebração do sacramento, sobretudo nos primeiros anos.
- A pastoral familiar, ao desafio do Papa na *Amoris Laetitia*, tem refletido sobre o acompanhamento dos casais jovens.

- Preocupamo-nos sobre como se poderá acompanhar os pais depois do batismo e o que fazer até à catequese.

Depois:

- A vida parece perder a sua dimensão sagrada. Como aproveitar a gravidez para evangelizar a vida?

- Preocupa a indecisão de muitos pais jovens sobre batizar em criança ou mais tarde. Como voltar a explicar o porquê do batismo em bebé?

- É difícil fazer uma preparação “dentro da comunidade”, pois, ao virem pedir o batismo, os pais parecem “estar fora”...

Apetece dizer: “estava tudo tão bem quando a família e a paróquia estavam sintonizadas...”

A Igreja vem desafiando as comunidades a pensar em **projetos pastorais transversais** que envolvam os agentes destas diversas áreas da pastoral familiar. Não pensar atividades para eles, mas pensar e realizar etapas do caminho com eles. Nesta ótica, “fazer comunidade” significa dar prioridade às relações, fazendo emergir o contributo de cada um, caminhar juntos.

Não há pastoral sem comunicação direta, constante e personalizada. Podemos usar os meios virtuais, mas as pessoas precisam saber que falamos para elas. A partir da **relação pessoal**, é possível tornar as propostas da Igreja atrativas. Estar atentos a alguma possível necessidade ou dificuldade, saudar, fazer-se presente sem perturbar, mandar mensagens simples, como “estou contigo, rezo por ti, conta comigo, precisam de alguma coisa?” ou “Deus não falha, confia, eu também duvido, obrigado, força...” são mais importantes que muitos discursos. Chegarão os momentos em que é possível partilhar a própria experiência de fé. Informar, convidar ou enviar materiais formativos úteis, são mesmo um outro passo.

Só o amor pode marcar o ritmo dos itinerários de fé.

4.1 Mandato da comunidade

O ideal é que cada paróquia, unidade pastoral ou vigararia tenha uma **equipa de pastoral batismal**, ou seja, um grupo de pessoas (especialmente casais de esposos e pais) que juntamente com o pároco - e com mandato explícito a partir do conselho pastoral -, se encarregue de fazer **despertar o dom que já existe em cada um dos cônjuges** e acompanhá-los, antes e depois do batismo.

A comunidade cristã deve estar a par destes percursos e acompanhá-los com a oração. Os seus membros deveriam mesmo ser “enviados” na Eucaristia, cientes de que o Espírito Santo os guia e a comunidade os apoia com a oração. Assim, darão voz e rosto a Jesus presente na família paroquial.

Os membros da equipa - **com elementos do arco dos CPM até ao da catequese** -, para se tornarem autênticos “ministros da pastoral familiar”, deveriam receber uma **formação** inicial relativa à teologia dos sacramentos da iniciação e ao rito específico do batismo, mas também em ordem à capacidade de escuta para se adaptarem às diversas situações humanas (sociais, culturais, espirituais) dos pais jovens. Deveria ser um percurso de autoformação de grupo com temas que os ajudassem a confrontar-se com questões diversificadas e a organizar concretamente o trabalho pastoral e os percursos com as famílias em questão.

Os membros das equipas de pastoral batismal devem conhecer as situações delicadas, complexas ou pouco frequentes, **mas também as respetivas orientações da Igreja**. Isto serve para se aproximarem de maneira correta, sem ofender a sensibilidade dos pais, mostrando o acolhimento e a maternidade de que a Igreja é capaz, mas igualmente, evitando ideias inapropriadas que muitos pais têm sobre o sacramento.

Esta equipa deveria motivar a comunidade e **estruturar também uma rede alargada** que sinalize casais ou mães à espera de bebé. Depois, se ainda não existir, escolher quem possa manter essa linha de comunicação direta e personalizada; de preferência alguém com laços de proximidade, também na idade e que, **com um**

casal da equipa, forme “esta célula evangelizadora”, para caminhar com eles. As Associações e Movimentos eclesiais podem ser uma ótima ajuda pela capacidade que têm de anúncio do Kerigma e espírito apostólico. Eles desenvolvem também percursos pastorais específicos como os ligados à Iniciação. Podem oferecer práticas já consolidadas de encontro, escuta da palavra, diálogo, formação e oração.

A equipa deve elaborar “percursos” de iniciação, vividos entre **encontros familiares e momentos comunitários**, que devem ser bem cuidados e tomar a estrutura de um *itinerário de fé* que, embora construído - nos tempos, nas modalidades e nos conteúdos – à medida das diversas situações de fé familiar, se tornem **tradição na vida da paróquia**.

4.2 Etapas ou percursos

- **A seguir ao CPM:** contacto pessoal, convites... e um plano

- **Após o casamento:** relação pessoal por alguém próximo, enviar poucas coisas mas com sentido de ajuda ao crescimento da vivência cristã, sem se preocuparem apenas com os sacramentos...

- **Na gravidez:** na convicção de fé de que cada criança entra na história já quando Deus começa a tecê-la no seio materno, a equipa poderia empreender iniciativas que valorizassem **o início escondido da vida humana** e a experiência de espera dos futuros pais. A dimensão sagrada da vida está a perder-se!

Para os contatos anteriores ao batismo, muito poderia ajudar algum material preparado, **como cartas** assinadas pelo pároco no nascimento, aniversário, etc. Dada a grande expectativa e até ansiedade que envolve sobretudo as mães neste período, porque não estabelecer vários “**dias próprios**” e convidar pessoalmente os futuros pais a virem à Igreja receber a bênção do bebé ainda no ventre materno? Por exemplo, um domingo no Advento, outro na Quaresma, outro no verão (Assunção)? Uma oração de “pais à espera de um filho” poderia ser-lhes entregue. Não esperar grandes grupos. Um casal é suficiente!

4.3 Preparação e celebração do Sacramento do Batismo

Marcado o batismo, será interessante que o casal da equipa possa fazer dois ou três **encontros nas casas (ou por vídeo)** para o anúncio da fé na família, a partir da sua própria experiência do batismo. Seja na forma de carta ou temas previamente preparados, poderiam partilhar textos de reflexão e oração que os abra ou faça crescer na fé.

Para além de um encontro pessoal com o pároco no pedido de batismo e que serve também para aferir como está a decorrer o seu “percurso”, não podem faltar, em vista do batismo, as reuniões que se entendam necessárias de acordo com o percurso pensado e para preparar **mais diretamente a celebração**. Poderá ser na Igreja, em contacto com os lugares da celebração, para suscitar uma consciente participação no rito sacramental. Seria oportunidade para entregar **uma “Bíblia para bebês”** ou catecismo, se houver!

A Celebração do sacramento do Batismo deverá evitar o “**privatismo**” reinante. A comunidade deveria fazer-se presente. Se for na Eucaristia, está garantida. Se em celebração própria, a equipa de batismos deveria fazer-se presente, procurar que haja quem cante, etc. Se for no final da Eucaristia, ponderar-se uma apresentação na Eucaristia ou mesmo **fazer o Acolhimento dentro da missa**. No mínimo, rezar-se na Eucaristia dominical pelos que vão ser batizados ou já foram. Com os nomes!

4.4 Acompanhamento das famílias após o batismo

O crescimento cristão da criança é garantido com uma continuada interação na comunidade cristã, entre os pais e as famílias prontas para caminhar a seu lado com cordialidade. A paróquia continua empenhada em **continuar a seguir as famílias** e a promover e viver as relações iniciadas antes da celebração. Nestes primeiríssimos anos, o contributo da comunidade vai no sentido do encorajamento, do suporte, da

orientação e da **oferta de ocasiões e instrumentos aos pais** para que a sua seja uma comunidade familiar que se torna educativa porque vive na fé.

Após o batismo, a equipa batismal deverá **avaliar** a experiência de acompanhamento ao Batismo e projetar o seguimento do percurso, com base no adquirido. É conveniente que se pense no período que liga à catequese paroquial, eventualmente um projeto até aos 3 anos e outro dos 3 aos 6. Sempre com um projeto anual, considerando os destinatários, os objetivos e os modos para os alcançar, com conteúdos, calendários, lugares e outros possíveis colaboradores.

Num primeiro tempo, até aos 3 anos, teria como objetivos: **manter e reforçar as relações interpessoais** já iniciadas, anunciar o Evangelho com modos adequados à realidade familiar e com gestos visíveis, ajudar as famílias jovens a participar ativamente na vida da comunidade cristã. O diálogo e a partilha de experiências estariam sempre presentes. Encontrariam um dia para fazer “memória do batismo” e participação com os filhos em algumas celebrações especiais do Ano Litúrgico.

No período dos 3 aos 6 anos, seria para aprofundar a missão educativa dos pais em relação à fé, tornar as crianças protagonistas ativos do seu percurso de fé, já com um anúncio mais explícito de Jesus e da Sua vida e educar à oração com o conhecimento de episódios bíblicos.

Uma Igreja missionária **não abandona ninguém**, antes vai em busca dos que, por um motivo ou outro, não participam nos encontros programados. Alguém da equipa os continuará a seguir, nem que seja pelos meios digitais que são capazes de “relações reais”. A todos poderiam continuar a fazer chegar as notícias da paróquia, os materiais formativos ou o que o pároco entenda poder servir.

Com o tempo e após estes percursos, os pais jovens poderiam sentir-se **desafiados a fazer parte desta equipa ou rede alargada** de acompanhamento e preparação de outros pais e bebés. Se o não conseguirem fazer, que cristãos são? Com a formação adequada, qualquer um pode! Quando isso começar a acontecer, a comunidade estará a avançar em chave missionária.

Uma das tarefas urgentes é a de preparar materiais para este percurso.

Conclusão

Concluo com um episódio contado em Atos 11 sobre o nascimento da igreja em Antioquia. Após a morte de Estêvão, fugiram de Jerusalém muitos membros da comunidade. Foram para Chipre, Antioquia e outros lugares, onde começaram a falar de Jesus Cristo. Muitos aderiram à fé, o que chamou a atenção da Igreja de Jerusalém. Enviaram Barnabé que ficou admirado com a comunidade. Chamou mais tarde Paulo que os confirmou na fé. Ali se deu pela primeira vez o nome de cristãos aos discípulos de Jesus. Leigos que, talvez desordenados, eram portadores de uma vida efervescente que se tornou missionária. Foram à frente dos apóstolos, mas sempre em unidade com eles!